Sixty Degrees PPR/OICVM Flexível

Fundo de Investimento Aberto Flexível de Poupança Reforma

Setembro 2026

Comentário mensal da equipa de gestão

Se tivéssemos olhado apenas para o mercado acionista em setembro, poderíamos pensar que nada de invulgar aconteceu. O S&P 500 entrou em outubro cerca de 12% acima no acumulado do ano e a menos de 2% do máximo de agosto. Porém, esta calma aparente é enganadora. A yield do Treasury a 10 anos ultrapassou os 5% em 14 de setembro (5,02% no dia seguinte, o nível mais alto desde julho de 2007). A Reserva Federal subiu a sua taxa de política monetária em 16 de setembro, pela primeira vez desde julho de 2023. A 1 de outubro, a yield a 10 anos atingiu 5,34%, o nível mais alto desde 2002. Riscos que antes eram considerados separadamente, nomeadamente energia, inflação, política monetária, dívida pública e fluxos internacionais de capital, atuam agora em conjunto como um sistema único.

Quatro forças principais moldam a situação atual. Uma escassez de produtos refinados que não responde ao aumento da oferta de crude, uma inflação impulsionada pelos preços da energia que taxas de juro mais altas não controlam facilmente, a aritmética da dívida pública e a competição entre países por capital limitado, e alterações na taxa de desconto para todos os outros ativos. O que mais importa não é um fator isolado, mas a forma como se encadeiam. Pensemos nisto como uma corrente, um problema num elo afeta o seguinte e a corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco.

O primeiro elo é físico e facilmente não o veremos se a atenção se fixar apenas nos preços do crude. A Agência Internacional de Energia (AIE) diz que o diesel e o gasóleo representam quase 30% da procura global de petróleo. No início de setembro, os preços destes produtos nos Estados Unidos ultrapassaram os 200 dólares por barril, um aumento de 94% face aos níveis pré-guerra, com a Europa e a Ásia a registarem tendências semelhantes. A AIE espera que a produção do Médio Oriente aumente à medida que os fluxos pelo Estreito de Ormuz recuperem, mas prevê também que os stocks americanos de destilados caiam abaixo dos 100 milhões de barris em setembro e permaneçam abaixo do mínimo dos últimos cinco anos durante boa parte de 2027, uma vez que se espera que a produção global de destilados fique abaixo do nível do ano passado. Os dados semanais mostram a mesma tendência, com stocks de destilados em 106,3 milhões de barris na semana terminada a 4 de setembro, contra 120,6 milhões um ano antes. Isto significa que um sistema pode ter crude suficiente e, ainda assim, não dispor dos produtos que a economia utiliza.

As refinarias não são intermutáveis. Cada uma está preparada para certos tipos de crude e de produtos, pelo que, se se perder capacidade numa dada área, não pode ser rapidamente substituída noutra. As refinarias americanas têm operado a cerca de 97% da capacidade, o que as torna mais vulneráveis a paragens inesperadas, sobretudo quando os stocks estão baixos. A situação da oferta agravou-se em várias frentes. A Arábia Saudita comunicou à OPEP que a sua produção de crude caiu para 6,238 milhões de barris por dia em agosto, o mínimo desde 1990, com exportações próximas de 3 milhões de barris por dia. Ainda assim, as entregas ao mercado, de 7,122 milhões, foram sustentadas pelo armazenamento. Em 11 de setembro, a Arábia Saudita encerrou o oleoduto East-West, a sua principal rota para contornar Ormuz, após ataques de drones. O Brent fechou em 105,68 dólares a 14 de setembro. A Rússia prolongou os limites às exportações de gasolina e diesel até 31 de janeiro de 2027, após ataques ucranianos às suas refinarias. A AIE espera agora que a utilização global das refinarias caia para 81,5 milhões de barris por dia em 2026, que a oferta mundial de petróleo recue 5,7 milhões de barris por dia e que a recuperação plena da oferta do Médio Oriente seja adiada para 2027. Preços altos já estão a reduzir a procura, com a agência a cortar a sua previsão de procura para 2026 em

Disclaimer: A presente mensagem tem natureza publicitária e é prestada pela Sixty Degrees SGOIC, S.A., entidade autorizada pelo Banco de Portugal (nº 343) a exercer a atividade de intermediação financeira compreendida no respetivo objeto e que se encontra para esse efeito registada junto da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (nº 395). A presente informação diz respeito ao fundo de investimento gerido pela Sixty Degrees SGOIC, S.A. e não dispensa a leitura dos respetivos documentos constitutivos: Prospeto e Informação fundamental destinada aos investidores (IFI) do produto estão disponíveis em www.sixty-degrees.com sem quaisquer ónus ou encargos. Os valores referem-se a rentabilidades registadas no passado que não consideram o imposto sobre os rendimentos no resgate (líquidas de comissões de gestão e depositário), pelo que não constituem qualquer garantia de rentabilidades futuras uma vez que o valor do investimento pode aumentar ou diminuir em função do nível de risco dos fundos nesse momento. A Sixty Degrees adverte que, em regra, a uma maior rentabilidade está associado um maior nível de risco. A rentabilidade apenas seria obtida se o investimento fosse efetuado durante a totalidade do período de referência. O valor das unidades de participação pode aumentar ou diminuir em função da avaliação dos ativos que integram o património desses fundos, podendo implicar perda do capital investido.

Sixty Degrees PPR/OICVM Flexível

Cat. I – ISIN: PTSXYAHM0000 / Bloomberg: 60DPPRF:PL
Cat. R - ISIN: PTSXYBHM0009 / Bloomberg: 60DPPRR:PL
Cat. C - ISIN: PTSTYCHM0004

BAIXO RISCO						ELEVADO RISCO
Rem. potencialmente mais baixa						Rem. potencialmente mais elevada
1	2[1]	3	4	5	6	7

mais 940.000 barris por dia, o que representa uma queda de 2,5 milhões de barris por dia, o que mostra como as escassezes aparecem quando se evita o racionamento físico.

O segundo elo é a inflação, com os dados de preços no consumidor americano de agosto a mostrar onde está a pressão. O índice subiu 0,4% no mês e 3,4% nos últimos doze meses. Se excluirmos alimentação e energia, a taxa homóloga caiu para 2,4%, o nível mais baixo desde março de 2021, mas a leitura mensal do subjacente foi de 0,3%, acima dos 0,2% de julho. O índice da energia saltou 16,3% no ano, a gasolina subiu 27,4% e o fuelóleo avançou 52,0%. Os preços dos bilhetes de avião, que refletem diretamente os custos do combustível, subiram 23,4%. O desvio entre a inflação total e a subjacente aponta para um choque de oferta. A pressão começa num input e, com o tempo, espalha-se pelos setores de transportes, agricultura, aviação, petroquímica e indústria transformadora.

Isto coloca os bancos centrais numa verdadeira armadilha. Subir as taxas pode travar a procura por crédito, mas não cria mais petróleo, não aumenta a capacidade de refinação nem reabre rotas marítimas. A política monetária pode impedir que um choque temporário de energia se transforme numa subida duradoura de salários e preços, o que é importante para as expectativas. Mas não resolve o problema físico de raiz. Ignorar o choque poderá desancorar as expectativas, enquanto combatê-lo com demasiada força poderá travar a economia sem resolver a escassez. O Federal Open Market Committee concentrou-se no primeiro risco, votando por unanimidade em 16 de setembro para elevar o intervalo-alvo em 25 pontos-base, para 3,75% a 4,00%, afirmando que a economia continuava a crescer solidamente e que a inflação permanecia elevada. As projeções revistas são ainda mais reveladoras. O analista mediano espera a taxa de diretora em 4,1% no final de 2026 (acima dos 3,8% em junho), a inflação PCE em 3,7% este ano (contra 3,6% antes) e a PCE core em 3,4%, com a PCE a regressar a 2,3% apenas em 2027. O risco reside na possibilidade das taxas permanecerem altas por mais tempo do que vimos após a crise financeira global.

Isto conduz-nos ao terceiro elo, onde a energia, a inflação e a política monetária se ligam à dívida pública. Défice e dívida não são a mesma coisa. O défice é o dinheiro adicional necessário num ano, enquanto a dívida é o montante total que tem de ser refinanciado à medida que os títulos vencem. Taxas de mercado mais altas não elevam a despesa com juros de uma só vez, mas sim gradualmente, à medida que títulos antigos com taxas mais baixas são substituídos por novos a taxas mais altas. Quanto mais tempo as taxas permanecerem elevadas, mais sobe o custo médio da dívida. O ciclo é claro: mais inflação conduz a taxas mais altas, o que significa maiores custos com juros, maiores necessidades de financiamento, mais emissão de dívida e mais pressão sobre as yields. Os leilões do Tesouro americano evidenciam esse custo, com o leilão de divida a 10 anos anos, de 9 de setembro, a ser colocado nos 4,834%, o nível mais alto desde agosto de 2007. A taxa fixa de crédito à habitação a 30 anos, segundo a Mortgage Bankers Association, atingiu 7,3% a 30 de setembro, o nível mais alto desde novembro de 2023. Isto mostra com que rapidez os custos de financiamento do Estado podem afetar as famílias.

Costuma dizer-se que os bancos centrais controlam as taxas de juro, mas isso é apenas parcialmente verdade. A Reserva Federal fixa uma taxa de muito curto prazo e pode influenciar o resto da curva através das expectativas, da liquidez e, por vezes, da compra de ativos. No entanto, não fixa diretamente a yield dos títulos a dez ou trinta anos. As yields longas refletem expectativas de crescimento e de inflação, o risco fiscal, o volume de dívida a emitir e os retornos disponíveis noutros destinos. O mercado obrigacionista funciona como um contrapeso. Se os investidores exigirem um retorno mais alto para emprestar ao Estado, os custos de financiamento sobem independentemente das taxas diretoras. A dimensão do mercado de Treasuries e o papel global do dólar continuam a dar aos Estados Unidos vantagens únicas, pelo

Abra uma conta com a Sixty Degrees e tenha acesso aos relatórios completos
Available on the App Store
Available on Google Play

[1] A área sombreada da escala abaixo evidencia a classificação do fundo em termos do seu risco, com base no Indicador Sumário de Risco (ISR). O indicador sumário de risco constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados.

que uma crise de financiamento é improvável. A verdadeira questão não é se os EUA encontram compradores, encontram quase sempre, mas a que yield?

O Japão é o exemplo mais claro de como estas questões se desenrolam a nível internacional. A yield do título governamental japonês a 10 anos atingiu 3,0% a 1 de setembro, um nível que não se via desde 1996, e depois a 3,02% a 15 de setembro. Três dias depois, o Banco do Japão subiu a sua taxa de política monetária para 1,25%, o nível mais alto desde 1995. A dívida pública japonesa está acima de 200% do PIB e o orçamento japonês para 2026 assume uma taxa de longo prazo de 3% para o serviço da dívida, pelo que o refinanciamento está agora no limite dos seus planos. Durante anos, os bancos, seguradoras e fundos de pensões japoneses enviaram poupança para o exterior porque os retornos domésticos eram baixos, com grande parte desse dinheiro a ser canalizado para Treasuries. Quando as yields sobem em casa, os investidores japoneses podem obter melhor retorno sem assumir risco cambial. Isto afeta os Estados Unidos mesmo que os investidores japoneses não vendam Treasuries, pois basta que comprem menos. Os dados mostram uma rotação lenta. O stock japonês de Treasuries caiu para 1,104 biliões de dólares em julho, contra 1,117 biliões no mês anterior, marcando a terceira queda mensal consecutiva, após um pico de 1,325 biliões em novembro de 2021. O Japão continua a ser o maior detentor estrangeiro de dívida americana. Por seu lado, o stock chinês de 618 mil milhões de dólares está agora no nível mais baixo desde setembro de 2008. A Reuters noticiou a 18 de setembro que o Secretário do Tesouro Scott Bessent instou Tóquio a enfrentar a despesa orçamental por detrás da fraqueza do iene e a manter coerência entre as políticas monetária e orçamental, o que mostra que Washington vê a estabilidade do mercado obrigacionista japonês como importante para o seu próprio financiamento. Convém manter a perspetiva. O stock total de dívida americana detido por estrangeiros, de 9,248 biliões de dólares, continua 1,5% acima do que era há um ano, em virtude das compras oriundas do Reino Unido que subiram 6,2% em julho. Como tal, até ao momento, trata-se de uma rotação gradual, não de uma saída abrupta.

Esta competição por capital está a acontecer em todo o mundo desenvolvido. Basta olhar para a yield dos 10 anos alemães que chegou aos 3,36% a 1 de setembro. Os governos dos EUA, Japão e Europa enfrentam todos custos crescentes com o envelhecimento populacional, defesa, transição energética, infraestruturas e taxas de juro mais altas. À medida que os governos emitem mais dívida e os bancos centrais se mostram menos dispostos a comprá-la, são os investidores privados que passam a fixar o preço. Isto liga a política japonesa, o financiamento americano e as emissões europeias.

Estes efeitos também se refletem nas ações, uma vez que as yields de longo prazo fixam a taxa de desconto aplicada a quase todos os ativos financeiros. Quando as yields permanecem altas, afetam as empresas por duas vias: custos de energia e de financiamento mais altos comprimem as margens e uma taxa de desconto mais alta significa que os investidores pagam menos pelos mesmos lucros, sobretudo em empresas cujo valor depende de lucros futuros. Esta ligação não é automática, como 2026 tem mostrado até ao momento. Um forte crescimento dos lucros, especialmente impulsionado pelo investimento em inteligência artificial, tem sustentado boa parte do mercado americano, apesar das yields em alta. O crescimento dos lucros está em corrida contra a taxa de desconto. Se os lucros continuarem a crescer com rapidez suficiente, as avaliações aguentam-se, mas se o crescimento abrandar enquanto as yields permanecerem altas, a almofada para os investidores encolhe.

Há também boas razões para uma visão mais positiva. O petróleo caiu abaixo dos 100 dólares a 2 de outubro (o Brent andava próximo dos 99,88 dólares) após notícias de que os

Abra uma conta com a Sixty Degrees e tenha acesso aos relatórios completos

Available on the App Store — Available on Google Play

(1) A área sombreada da escala abaixo evidencia a classificação do fundo em termos do seu risco, com base no Indicador Sumário de Risco (ISR). O indicador sumário de risco constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados.

Sixty Degrees PPR/OICVM Flexível

Cat. I – ISIN: PTSXYAHM0000 / Bloomberg: 60DPPRF:PL
Cat. R - ISIN: PTSXYBHM0009 / Bloomberg: 60DPPRR:PL
Cat. C - ISIN: PTSTYCHM0004

BAIXO RISCO — ELEVADO RISCO

Rem. potencialmente mais baixa — Rem. potencialmente mais elevada

1	2[1]	3	4	5	6	7

	Categ. R	Categ. I	Categ. C
Data de Início:	02/02/2021	01/10/2019	29/12/2025
Com. Subscrição, Resgate e Transferência:	0%	0%	0%
Comissão de Gestão Fixa:	1,50% / ano	1,00% / ano	1,50% / ano
Comissão de Gestão Variável:	20% da diferença entre a rentabilidade anual do fundo, se positiva, e o máximo entre zero e valor da Euribor a 12m, divulgada no último dia útil do ano anterior, adicionada de 2% ao ano		
Comissão de Depositário:	0,15% / ano ou 0,13% / ano se Valor Líquido Global do Fundo > €20 mio		
Liquidação da Subscrição:	2 dias úteis		
Liquidação do Resgate:	5 dias úteis		
Montante Mínimo de Investimento:	€ 1	€ 100.000	€ 250
Montante Mínimo de Reforço:	€ 0	€ 1.000	€ 25
Banco Depositário	Caixa Geral de Depósitos, S.A.		

Objetivo de Investimento

Através de um único veículo de investimento, proporcionar aos seus participantes o acesso a um serviço de gestão global do seu património financeiro. A Sixty Degrees acredita que a responsabilidade pelo incremento ou redução da exposição do Cliente a cada classe e tipo de ativos (dinâmica do *asset allocation*), deve ser da competência e da iniciativa de uma equipa de gestão profissional, permitindo deste modo uma gestão eficaz e efetiva do património que lhe foi confiado.

O Fundo será composto por uma carteira de ativos diversificada maioritariamente constituída por ações, obrigações soberanas e de empresas (*Investment Grade ou High Yield*), instrumentos monetários, fundos e derivados, sendo a sua política de aplicações norteada por critérios de potencial valorização a médio e longo prazo e de diversificação das fontes de risco. O Fundo visa apenas a acumulação de capital, refletida no valor líquido de cada unidade de participação, não sendo distribuídos os rendimentos e mais valias que possam ter sido gerados. Os rendimentos do Fundo são integralmente reinvestidos.

Comentário mensal da equipa de gestão

governos europeus poderiam libertar parte das respetivas reservas estratégicas e de que a AIE espera que a produção do Médio Oriente suba à medida que os fluxos por Ormuz melhorem. A AIE prevê que a produção global de petróleo recupere 8 milhões de barris por dia em 2027. Um relatório de emprego de setembro mais fraco reduziu as expectativas de uma nova alta da Fed na reunião de 27 e 28 de outubro e qualquer alívio das tensões entre Washington e Teerão, ou um cessar-fogo na Ucrânia, poderiam aliviar rapidamente a situação energética. Um term premium mais elevado é também um sinal de ajustamento, uma vez que os investidores estão agora a ser pagos por riscos que foram subavaliados durante anos.

Para uma carteira global multi-ativos, isto significa concentrar a atenção na disciplina, em vez de apostar tudo num único sentido. Um term premium mais alto e mais imprevisível aconselha cautela com a duration. Seguir semanalmente os preços do diesel e dos stocks de destilados é tão importante como vigiar os indicadores macro habituais. Sem combustível mais barato, o crescimento dos lucros deste ano torna mais difícil aumentá-los no próximo ano. É prudente favorecer empresas com pricing power, cash flows robustos e balanços capazes de absorver custos de refinanciamento mais elevados. Os ativos tangíveis tendem a beneficiar das mesmas forças que pressionam os títulos soberanos. As diferenças entre regiões e moedas tenderão a aumentar, uma vez que a Reserva Federal está a apertar, apesar dos governos terem margens orçamentais diferentes. Neste contexto, a liquidez é valiosa porque os mercados de financiamento são os primeiros a mostrar sinais de stress.

A conclusão não é que uma crise energética, de dívida ou de mercado esteja prestes a acontecer, uma vez que tais previsões exigem mais certeza do que os dados oferecem. Em contrapartida, a economia global está hoje mais sensível a choques porque os seus principais riscos estão todos interligados, nomeadamente geopolítica, energia, inflação, política monetária, yields, dívida soberana, fluxos de capital e valorizações. A próxima fase vai depender de acontecimentos-chave, como a divulgação do IPC americano a 14 de outubro, as reuniões da Fed e do Banco do Japão mais tarde no mês, bem como de fatores políticos e financeiros, em particular o rumo dos conflitos que afetam a oferta de combustível. Durante anos, os investidores puderam contar com energia abundante, inflação baixa e dinheiro barato, mas nenhuma dessas três coisas está hoje garantida. É mais útil compreender como o próximo choque pode vir a propagar-se do que tentar prever qual será, porque numa corrente o estrago acontece no elo mais fraco e, neste momento, esse elo é o preço que o mundo paga para financiar os seus Estados.

Abra uma conta com a Sixty Degrees e tenha acesso aos relatórios completos

Available on the App Store — Available on Google Play

[1] A área sombreada da escala abaixo evidencia a classificação do fundo em termos do seu risco, com base no Indicador Sumário de Risco (ISR). O indicador sumário de risco constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados.

Sixty Degrees PPR/OICVM Flexível

Cat. I – ISIN: PTSXYAHM0000 / Bloomberg: 60DPPRF:PL
Cat. R - ISIN: PTSXYBHM0009 / Bloomberg: 60DPPRR:PL
Cat. C - ISIN: PTSTYCHM0004

BAIXO RISCO — ELEVADO RISCO

Rem. potencialmente mais baixa — Rem. potencialmente mais elevada

1	2[1]	3	4	5	6	7

Rentabilidade Mensal em Percentagem (%) | Valor da UP Cat. I em €

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2024	0,74	1,07	0,93	0,28	0,14	0,80	0,37	-0,13	0,60	0,66	1,89	-0,14	7,43
2025	0,44	-0,01	-0,58	-0,21	1,63	0,62	0,90	0,10	0,50	0,96	0,02	0,01	4,44
2026	-0,05	0,56	-0,15	0,81	0,54	0,33	0,05	0,73	-0,11	-	-	-	2,74
Rentabilidade desde o lançamento da Cat. I do Fundo a 1/Out/2019													27,60

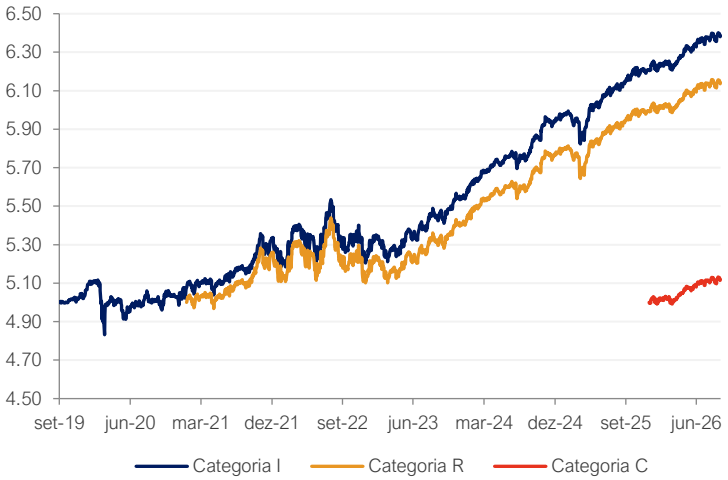
Rentabilidade Mensal em Percentagem (%) | Valor da UP Cat. R em €

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2024	0,74	1,03	0,88	0,23	0,10	0,76	0,32	-0,18	0,55	0,62	1,80	-0,14	6,91
2025	0,40	-0,05	-0,63	0,25	1,59	0,58	0,85	0,07	0,46	0,84	0,04	-0,04	3,90
2026	-0,09	0,52	-0,19	0,77	0,50	0,28	0,01	0,69	-0,16	-	-	-	2,35
Rentabilidade desde o lançamento da Cat. R do Fundo a 2/Fev/2021													22,72

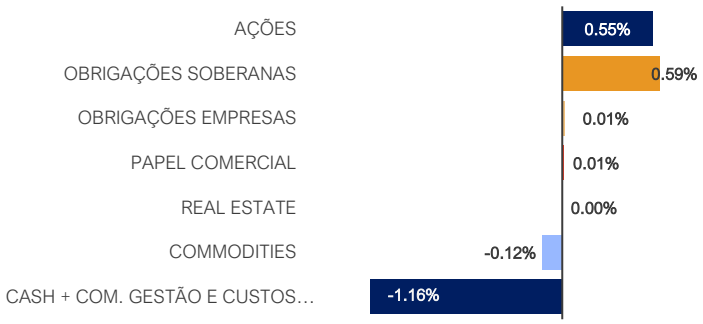
Rentabilidade Mensal em Percentagem (%) | Valor da UP Cat. C em €

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2026	-0,08	0,52	-0,19	0,75	0,47	0,29	0,01	0,68	-0,15	-	-	-	2,32
Rentabilidade desde o lançamento da Cat. C do Fundo a 29/Dez/2025													2,30

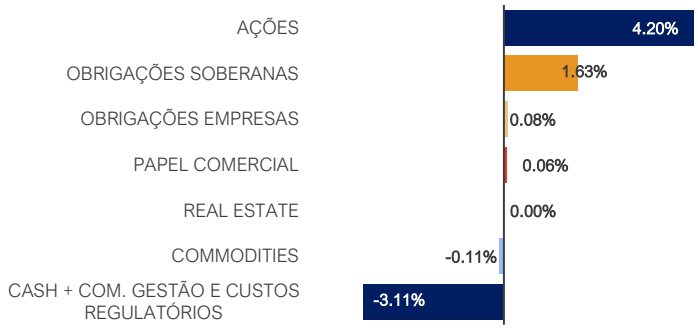
Evolução da Performance desde a data de lançamento



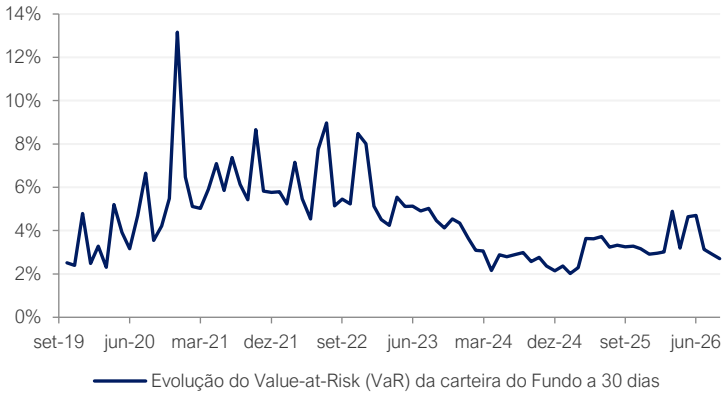
Atribuição de Performance – Setembro 2026



Atribuição de Performance – Ano 2026

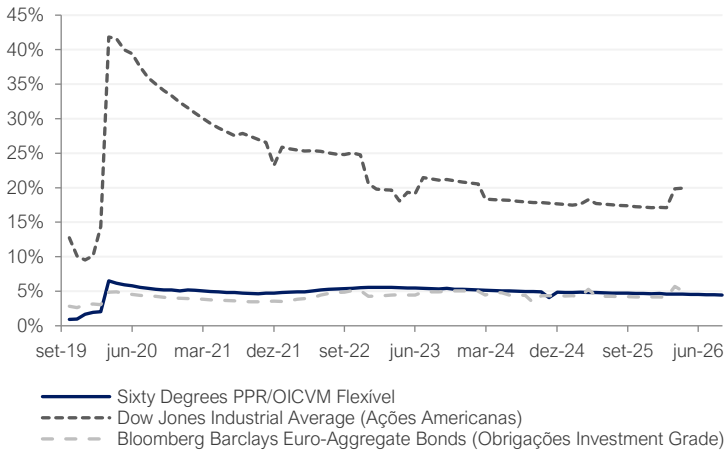


Evolução história do Value-at-Risk da carteira do Fundo



O **VaR**, enquanto método para avaliar o risco de uma carteira de investimentos, representa a perda esperada de uma carteira de investimentos, num dado horizonte de tempo (30 dias), associado a um intervalo de confiança (99%). O **CVaR** (*expected shortfall*) é uma medida de avaliação de risco que quantifica o montante de risco de cauda de uma carteira de investimentos.

Evolução da volatilidade diária dos retornos do Fundo desde a data de lançamento



2,71%
Value-at-Risk (VaR)
Para um nível de confiança de 99%, a perda máxima da carteira atual do Fundo a 30 dias é de 2,71%.

4,46%
Volatilidade anualizada
Desde a sua data de lançamento a 1/Out/2019, o Fundo registou uma volatilidade anualizada dos retornos diários de 4,46%.

26,7%
Exposição a USD
Apesar da carteira de investimentos do Fundo ser maioritariamente denominada em dólar norte americano (71,8%), a exposição ao risco cambial está parcialmente coberta.

16,7%
Exposição a Ações
A 30 de setembro, a exposição a ações (53,1%) encontra-se parcialmente coberta com recurso a derivados.

Abra uma conta com a Sixty Degrees e tenha acesso aos relatórios completos

Available on the App Store — Available on Google Play

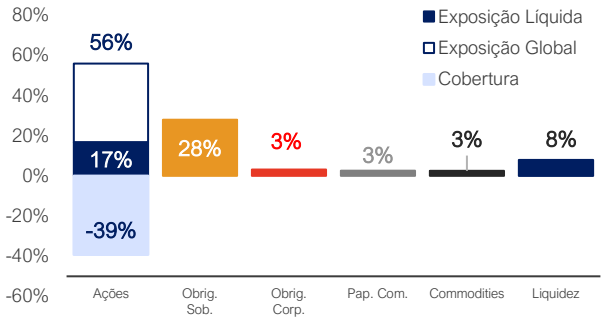
[1] A área sombreada da escala abaixo evidencia a classificação do fundo em termos do seu risco, com base no Indicador Sumário de Risco (ISR). O indicador sumário de risco constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados.

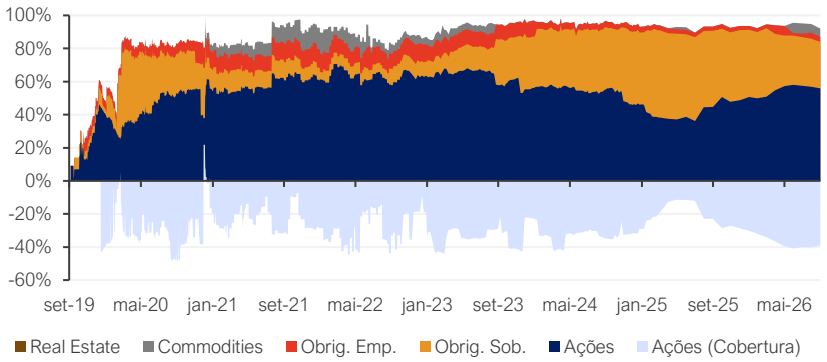
Sixty Degrees PPR/OICVM Flexível

Cat. I – ISIN: PTSXYAHM0000 / Bloomberg: 60DPPRF:PL
Cat. R - ISIN: PTSXYBHM0009 / Bloomberg: 60DPPRR:PL
Cat. C - ISIN: PTSTYCHM0004

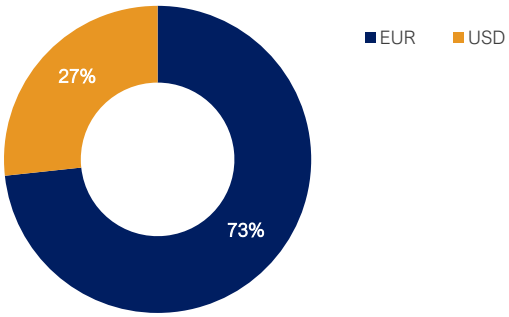
BAIXO RISCO						ELEVADO RISCO
Rem. potencialmente mais baixa						Rem. potencialmente mais elevada
1	**2**(1)	3	4	5	6	7

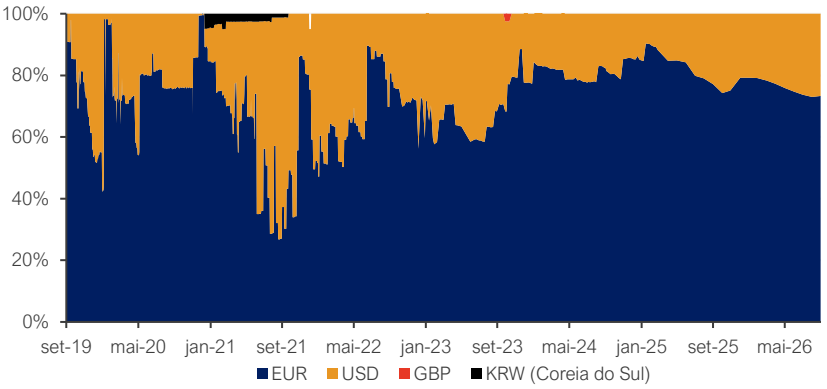
Classe de Ativos: distribuição atual e evolução histórica



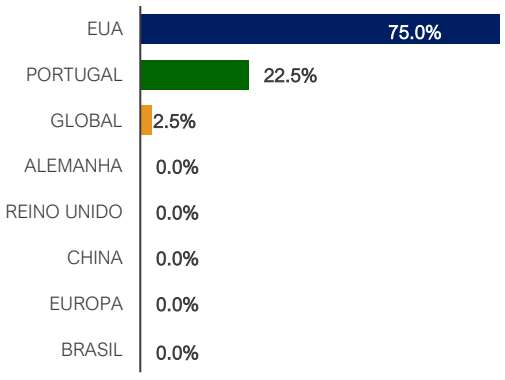


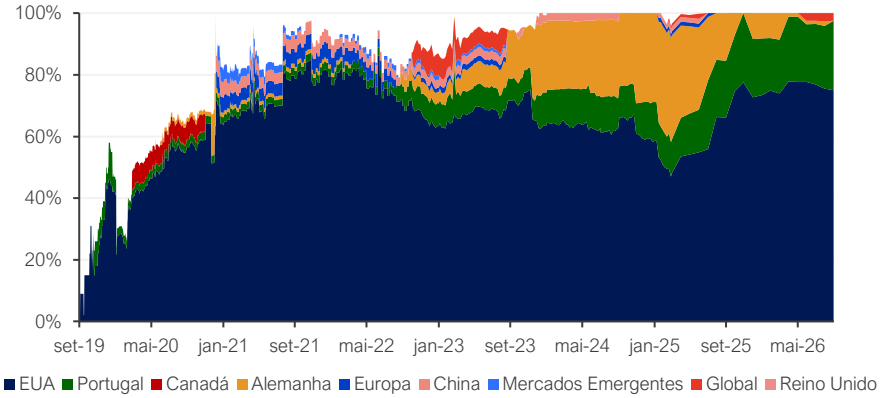
Exposição por moeda: distribuição atual e evolução histórica



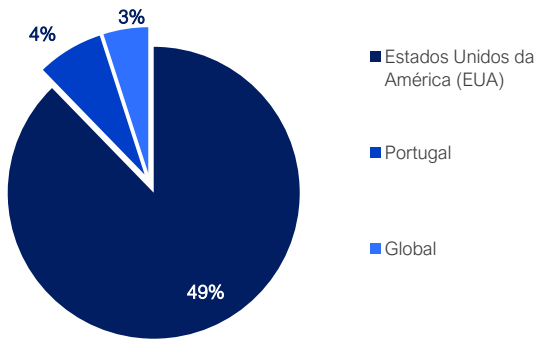


Exposição por país: distribuição atual e evolução histórica

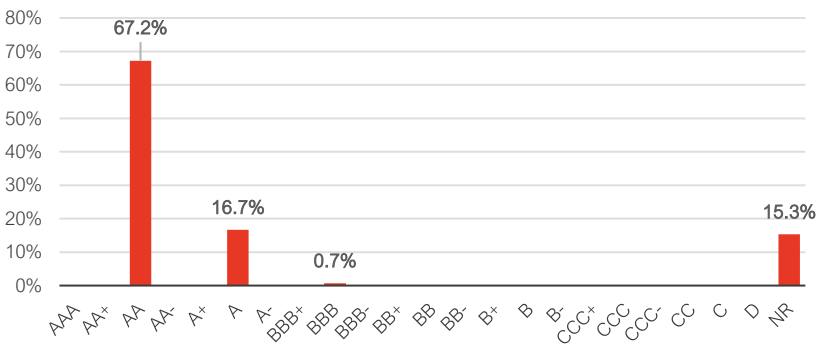




Exposição ao mercado acionista: distribuição por país



Perfil de risco da carteira de obrigações



Abra uma conta com a Sixty Degrees e tenha acesso aos relatórios completos

Available on the App Store | Available on Google Play

(1) A área sombreada da escala abaixo evidencia a classificação do fundo em termos do seu risco, com base no Indicador Sumário de Risco (ISR). O indicador sumário de risco constitui uma orientação sobre o nível de risco deste produto quando comparado com outros produtos. Mostra a probabilidade de o produto sofrer perdas financeiras, no futuro, em virtude de flutuações dos mercados.